Investigação de violências no trabalho: recomendações para a construção de vinhetas como instrumento de pesquisa

Investigating workplace violence Recommendations for constructing vignettes as a research instrument

Investigación de violencias en el trabajo: recomendaciones para la construcción de viñetas como instrumento de investigación

Mônica Bernardes[1] Bianca Rodrigues Lopes[2]

Júlia Gonçalves[3]



Recebido: 4 de setembro de 2025
Revisado: 1 de fevereiro de 2026
Aceito: 23 de maio de 2026

Resumo

Objetivo: evidenciar o uso de vinhetas como instrumento de coleta de dados em pesquisas sobre violências no trabalho e sistematizar recomendações para sua construção e utilização. Método: revisão narrativa da literatura nacional e internacional, com buscas no Google Acadêmico e na Web of Science, complementadas pelas referências citadas nos materiais recuperados. Resultados: Vinhetas são descrições breves de pessoas ou situações que reproduzem características-chave de vivências reais. Por seu caráter hipotético, estabelecem distância entre participante e fenômeno, reduzem o viés de desejabilidade social e viabilizam a investigação de temas perturbadores, constrangedores ou

[1] Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Atitus Educação, Passo Fundo, Brasil. https://orcid.org/0000-0001-7240-1434 · psimonicabernardes@gmail.com. Autora correspondente.
[2] Curso de Psicologia, Escola de Saúde, Atitus Educação, Porto Alegre, Brasil. https://orcid.org/0009-0005-9013-4356 · bianca17rodrigueslopes@gmail.com.
[3] Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Atitus Educação, Passo Fundo, Brasil. https://orcid.org/0000-0002-2804-1045 · julia.goncalves@atitus.edu.br.

moralmente evitados. Mostram-se adequadas às violências no trabalho, marcadas por situações veladas e por obstáculos éticos e logísticos à coleta em contextos reais. As recomendações sistematizadas organizam-se em eixos: sustentação teórica do fenômeno; realismo e ambiguidade dos cenários; estrutura, quantidade e extensão ajustadas aos objetivos e ao público-alvo; perspectiva de resposta; cuidados com o bem-estar das pessoas participantes; e validação por especialistas e estudo-piloto. Conclusões: Vinhetas construídas e validadas segundo as recomendações podem alcançar validade interna e externa, ampliando as possibilidades de investigação das violências no trabalho na América Latina, desde que descritas com transparência e disponibilizadas sempre que possível.

Palavras-chave:

violência no trabalho; assédio sexual; vinhetas; métodos de pesquisa; temas sensíveis.

Abstract

Aim: To demonstrate the use of vignettes as a data collection instrument in research on workplace violence and to systematize recommendations for their construction and use. Method: Narrative review of the national and international literature, with searches in Google Scholar and Web of Science, complemented by references cited in the retrieved materials. Results: Vignettes are brief descriptions of people or situations that simulate key features of real-life experiences. Being hypothetical, they create distance between participant and phenomenon, reduce social desirability bias, and enable the investigation of disturbing, embarrassing, or morally avoided topics. They are suited to workplace violence, which is marked by concealed situations and by ethical and logistical obstacles to data collection in real settings. The systematized recommendations are organized around the following dimensions: theoretical grounding of the phenomenon; realism and ambiguity of scenarios; structure, number, and length adjusted to objectives and target audience; response perspective; safeguards for participant well-being; and validation by experts and pilot testing. Conclusions: Vignettes built and validated according to these recommendations can achieve internal and external validity, expanding the possibilities for investigating workplace violence in Latin America, provided they are transparently described and made available whenever possible.

Keywords:

workplace violence; sexual harassment; vignettes; research methods; sensitive topics.

Resumen

Objetivo: evidenciar el uso de viñetas como instrumento de recolección de datos en investigaciones sobre violencias laborales y sistematizar recomendaciones para su construcción y utilización. Método: revisión narrativa de la literatura nacional e internacional, con búsquedas en Google Académico y Web of Science, complementadas por las referencias de los materiales recuperados. Resultados: Las viñetas son descripciones breves de personas o situaciones que simulan características clave de vivencias reales. Por su carácter hipotético, establecen distancia entre participante y fenómeno, reducen el sesgo de deseabilidad social y viabilizan la investigación de temas perturbadores, vergonzosos o moralmente evitados. Resultan adecuadas para las violencias laborales, marcadas por situaciones veladas y por obstáculos éticos y logísticos para la recolección de datos en contextos reales. Las recomendaciones se organizan en ejes: sustentación teórica del fenómeno; realismo y ambigüedad de los escenarios; estructura, cantidad y extensión ajustadas a los objetivos y al público; perspectiva de respuesta; bienestar de las personas participantes; y validación por especialistas y estudio piloto. Conclusiones: Las viñetas

construidas y validadas de acuerdo con estas recomendaciones pueden alcanzar validez interna y externa, ampliando las posibilidades de investigar las violencias laborales en América Latina, siempre que se describan con transparencia y se difundan cuando sea posible.

Palabras clave:

violencia laboral; acoso sexual; viñetas; métodos de investigación; temas sensibles.

Questões de pesquisa relacionadas à violência, à saúde mental, à discriminação e ao preconceito são consideradas temas sensíveis (Renzetti & Lee, 1993). Esse termo abrange pesquisas que possam ameaçar ou prejudicar emocional, psicológica ou socialmente as pessoas participantes ou pesquisadoras, em razão da natureza dos tópicos abordados, considerados tabus, embaraçosos, carregados de emoção, estigmatizados, intrinsecamente pessoais, desacreditáveis ou incriminadores (Renzetti & Lee, 1993). Pesquisas sobre essas temáticas podem gerar sentimentos desagradáveis e/ou repercussões preocupantes para as pessoas participantes caso as informações sejam divulgadas (Silverio et al., 2022). Por envolverem questões de poder, vulnerabilidade e privacidade, exigem atenção aos aspectos éticos, à confidencialidade e ao cuidado com as pessoas participantes. Nesse contexto, métodos e instrumentos de pesquisa que minimizem o potencial de dano e garantam o bem-estar das pessoas envolvidas são importantes (Dickson-Swift et al., 2008; Renzetti & Lee, 1993). Materiais que representam situações reais podem ajudar a explorar as atitudes das pessoas em relação aos temas sensíveis (Aguinis & Bradley, 2014; Naylor et al., 2014; Wei & Yeik, 2022), tais como as vinhetas (Aguinis & Bradley, 2014; Barter & Renold, 1999; Bradbury-Jones et al., 2012; Hughes & Huby, 2004).

O uso de vinhetas como instrumento de pesquisa já estava presente na década de 1970, como exemplificado no estudo de Alexander e Becker em 1978, sobre as reações de policiais e profissionais de enfermagem a vítimas de crimes, em que foram utilizadas descrições de situações cujas características eram sistematicamente variadas (Becker, 1978; Wei & Yeik, 2022). Durante os anos 1990, houve um crescimento significativo na pesquisa sobre temas sociais, como desigualdade de gênero, violência e saúde pública. Nesse contexto, pesquisadores/as começaram a adotar metodologias que permitissem abordar questões sensíveis de maneira a minimizar o desconforto de participantes (Minayo et al., 2016). O uso desse instrumento em pesquisas na área da saúde incluía estudos em enfermagem e investigações sobre saúde mental, bem como sobre percepções de risco de infecção pelo HIV e comportamentos de prevenção. (Hughes, 1998; Hughes & Huby, 2002; Paddam et al., 2010).

O uso de vinhetas, comparado a outros métodos e instrumentos de pesquisa na área da saúde, é mais comum em países norte-americanos e europeus, conforme evidenciado em uma revisão da literatura (Riley et al., 2021). No Brasil, há uma tradição do uso de instrumentos mais tradicionais, como questionários e entrevistas, considerados de fácil aplicação e análise (Creswell, 2014). A ampliação do uso de vinhetas em pesquisas requer a disseminação

de orientações metodológicas que auxiliem os/as pesquisadores/as no planejamento, construção dos cenários e na implementação dos estudos. Assim, referências que sistematizam as melhores práticas com base no conhecimento acumulado podem contribuir para o maior conhecimento uso desse instrumento. A literatura mostra que vinhetas podem ser uma ferramenta útil para investigar uma ampla gama de temas e tipos de perguntas de pesquisa, com requisitos relativamente baixos em termos de tempo e recursos financeiros (Aguinis & Bradley, 2014; Evans et al., 2015).

Incluídos entre os temas sensíveis, o estudo das violências no contexto de trabalho pode se beneficiar da utilização de vinhetas, uma vez que frequentemente ocorrem de forma velada, dificultando a coleta em situações reais (Hughes & Huby, 2004). As violências no trabalho podem ser definidas como qualquer situação em que pessoas trabalhadoras são submetidas a comportamentos, práticas ou ameaças que prejudicam, intimidam ou as isolam no ambiente de trabalho. Esses comportamentos podem ser físicos, verbais, psicológicos, econômicos ou sexuais e podem ser cometidos por superiores hierárquicos, colegas ou subordinados (Einarsen & Nielsen, 2019; Organização Internacional do Trabalho, 2020). O assédio sexual e o assédio moral destacam-se entre as formas de violência no contexto do trabalho, os quais envolvem condutas que podem humilhar, constranger e intimidar as pessoas atingidas (Einarsen & Nielsen, 2019; Hehman et al., 2022).

Os desafios na investigação sobre violências no ambiente de trabalho relacionam-se à natureza dinâmica dos fenômenos e às questões éticas envolvidas, tornando-os pouco prováveis de serem capturados no contexto real (Longo & DeDonno, 2018). Nesses contextos, a solicitação de relatos de vitimização envolve tanto a dificuldade de encontrar pessoas dispostas a compartilhar experiências que foram motivo de constrangimento, medo ou até mesmo traumáticas, quanto ao receio de divulgação (Dickson-Swift et al., 2008; Silverio et al., 2022).

Diante desse contexto, captar experiências de violência envolve a necessidade de proteger e mitigar os danos aos/às participantes, demandando dos/as pesquisadores/as cautela na escolha e no uso de suas estratégias de coleta de dados. Nesse sentido, este estudo evidencia o uso de vinhetas como instrumento de coleta em pesquisas que investigam violências no contexto do trabalho e sistematiza recomendações sobre sua construção e utilização.

Método

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura nacional e internacional. O relato desta revisão foi elaborado considerando os critérios propostos pela Scale for the Assessment of Narrative Review Articles (SANRA; Baethge et al., 2019). Inicialmente, foram realizadas buscas exploratórias nas bases Google Acadêmico e Web of Science, utilizando combinações de descritores relacionados à metodologia de vinhetas, sua construção e aplicação em pesquisas sobre violência no trabalho (*vignette*, *vignette methodology*, *vignette recommendations*, *guidelines*, *workplace violence*, *sexual harassment*, *workplace bullying*, *mobbing*,

qualitative research), bem como seus correspondentes em português, utilizando operadores booleanos AND/OR. Considerando a natureza narrativa da revisão, também foi empregada a técnica de busca "bola de neve", com a consulta às listas de referências dos estudos encontrados, o que permitiu localizar mais estudos considerados relevantes para esta revisão. As buscas foram realizadas de abril a agosto de 2024.

Foram incluídos artigos teóricos que descrevessem recomendações para elaboração ou utilização de vinhetas em pesquisas, bem como estudos empíricos que empregassem essa metodologia em investigações sobre violências no trabalho. Considerando que grande parte da literatura encontrada se concentrou na área da saúde, foram incluídos estudos desse campo quando apresentavam contribuições diretamente relacionadas à construção de cenários para explorar percepções sobre temas sensíveis. Foram selecionados materiais publicados em periódicos revisados por pares, complementados por livros e capítulos.

Os estudos foram lidos integralmente, e as informações referentes à construção, aplicação, validação e limitações do uso de vinhetas foram extraídas. Os principais aspectos envolvidos na sua elaboração e utilização em pesquisa foram sistematizados, com o objetivo de reunir as principais contribuições para a construção e utilização desse instrumento. Esse processo foi sintetizado em categorias apresentadas nas seções subsequentes: pressupostos teóricos, características do cenário, estrutura, aplicação, validação e limitações.

O que são vinhetas?

Uma vinheta é uma descrição breve de uma pessoa ou situação, criada para reproduzir características-chave de uma vivência do mundo real. Os/as participantes são expostos/as a aos cenários visando avaliar variáveis dependentes, como intenções, atitudes e comportamentos (Aguinis & Bradley, 2014; Evans et al., 2015; Yáñez Gallardo et al., 2012). Participantes podem acessar e expressar suas emoções, opiniões e experiências à situação apresentada, inclusive o que permanece silenciado no discurso (Wei & Yeik, 2022), como o medo de sanção ou de estigma (Dickson-Swift et al., 2008).

Os cenários podem ser apresentados em diferentes formatos, como histórias escritas, vídeos e imagens, o que amplia a possibilidade de utilização em diversos contextos (Dixon et al., 2013; Hughes & Huby, 2004; Naylor et al., 2014). O uso de recursos visuais pode favorecer a inclusão de públicos vulneráveis, como crianças, pessoas com baixa escolaridade ou limitações cognitivas (Dixon et al., 2013). Apesar dessa variedade, uma revisão da literatura identificou o formato escrito como a forma mais comum de apresentação das vinhetas (Riley et al., 2021).

Vinhetas podem ser utilizadas tanto em pesquisas qualitativas quanto quantitativas (Hehman et al., 2022; Jenkins et al., 2010; Yáñez Gallardo et al., 2012), podendo ser combinadas com outros métodos de coleta (Barter & Renold, 1999). Ao permitir a exploração de temas sensíveis sem exigir que as pessoas respondam diretamente sobre suas próprias experiências, o uso de desse instrumento pode favorecer maior

participação, reduzindo a necessidade de exposição de informações pessoais que poderiam gerar preocupações quanto à confidencialidade (Wei & Yeik, 2022).

No contexto do trabalho, o uso de vinhetas fornece informações sobre comportamentos que não são facilmente observáveis (Aguinis & Bradley, 2014; Wei &Yeik, 2022). A apresentação de cenários que retratam situações desse ambiente possibilita explorar tanto as respostas de quem observa esses comportamentos quanto os processos subjacentes à decisão de praticá-los. Essa possibilidade torna as vinhetas úteis para o estudo de condutas antiéticas (Aguinis & Bradley, 2014), ao favorecer a discussão de tópicos delicados e facilitar a investigação de temas potencialmente perturbadores, vergonhosos ou evitados por razões morais (Bradbury-Jones et al., 2012).

Vinhetas como instrumento de pesquisa em violências no trabalho

Pesquisas sobre violências no trabalho podem envolver dilemas éticos para a coleta de dados no mundo real, sendo difíceis tanto para as pessoas pesquisadoras quanto para as participantes responderem (Longo & DeDonno, 2018). A literatura destaca uma tripla vulnerabilidade nesse tipo de pesquisa: além de as pessoas serem participantes do estudo, podem ter sido vítimas da violência pesquisada e pertencentes a grupos vulneráveis (Bradbury-Jones et al., 2012). Esta seção explora o uso de vinhetas em pesquisas em violências no trabalho, focando na adequação desse instrumento para investigar esses fenômenos.

Uma das vantagens do uso de vinhetas é que elas estabelecem uma distância entre a pessoa pesquisadora e a participante. Comentar ou avaliar uma história é geralmente menos pessoal do que relatar uma experiência direta, o que torna o processo menos ameaçador. Essa distância pode facilitar a divulgação de informações sobre questões sensíveis e oferecer proteção contra o constrangimento para as pessoas participantes (Bradbury-Jones et al., 2012). Assim, exploram-se temas sensíveis minimizando seu potencial de dano e reduzindo o viés de respostas socialmente desejáveis. Dessa maneira, as vinhetas também contribuem para a obtenção de dados mais "limpos" (Riley et al., 2021), apesar de sempre estarem sujeitos a um viés, que deve ser considerado, de desejabilidade social (Wei &Yeik, 2022).

Uma pesquisa nos Estados Unidos utilizou vinhetas para investigar percepções de um comentário sexualmente ambíguo no trabalho. Os cenários descreviam dois colegas, um homem e uma mulher, com o mesmo nível hierárquico. No cenário, um deles deixava um garfo cair e se abaixava para pegá-lo; ao se levantar, a outra pessoa dizia: "Você deve ter muita prática em fazer isso". As duas versões diferiam apenas quanto a quem fazia o comentário e quem o recebia, permitindo examinar a influência do gênero dos personagens sobre as respostas dos/as participantes. No Estudo 1, 179 estudantes universitários avaliaram ambos os cenários, e no estudo 2, 742 participantes avaliaram apenas uma das versões, distribuída aleatoriamente, utilizando uma escala de concordância. No primeiro estudo, mais de 80% dos participantes, independente do gênero,

classificaram como assédio sexual o comentário feito pelo homem à mulher. Por outro lado, no cenário em que a mulher fazia comentário ao homem, participantes mulheres apresentaram aproximadamente o dobro das chances de classificá-lo como assédio em comparação aos participantes homens. No segundo estudo, as mulheres também perceberam mais assédio sexual do que os homens (com médias de 4,90 e 4,12, respectivamente). Esse estudo demonstra o uso de vinhetas para investigar situações que seriam difíceis de observar no ambiente de trabalho. A apresentação controlada de cenários realistas e ambíguos, é possível examinar como diferentes fatores (nesse caso, o gênero), influenciam as respostas dos/as participantes (Hehman et al., 2022).

A natureza imaginária das vinhetas possibilita modelar a tomada de decisão na realidade em um cenário específico e desenvolver instrumentos de coleta de dados culturalmente contextualizados (Bradbury-Jones et al., 2012; Finch, 1987; Riley et al., 2021). Esse recurso pode estimular interpretações aprofundadas, favorecer a identificação de informações não explicitadas e contribuir para o esclarecimento de detalhes que as pessoas participantes inicialmente relutaram em revelar (Wei & Yeik, 2022). Assim, vinhetas permitem que participantes tenham maior controle sobre a interação, decidindo se irão compartilhar experiências pessoais para ilustrar suas respostas (Barter & Renold, 1999). Quando as pessoas participantes estão interessadas e envolvidas na pesquisa, facilita-se a obtenção de respostas mais detalhadas (Hughes & Huby, 2004). Uma revisão de literatura na área da saúde destacou a utilidade das vinhetas para investigar temas sensíveis, como comunicação entre paciente e profissionais de saúde, saúde mental e saúde sexual, além de atitudes relacionadas ao estigma e aos comportamentos difíceis de abordar, como a busca por ajuda (Riley et al., 2021).

Um estudo com vinhetas buscou entender as reações de profissionais da enfermagem de hospitais dos Estados Unidos quanto à violência no ambiente de trabalho, identificando quais atos eram percebidos como agressivos e passíveis de serem reportados, além de fatores que influenciam as decisões de reportar (Christensen et al., 2024). A primeira etapa do estudo focou no desenvolvimento de vinhetas em vídeo, retratando cenários de violência no local de trabalho. A segunda etapa utilizou esses vídeos para verificar a interpretação dos enfermeiros sobre os cenários. Para retratar a violência no vídeo de forma realista, as pessoas pesquisadoras conduziram um grupo focal para explorar respostas emocionais a experiências pessoais com pacientes reais. Além disso, os vídeos envolveram atores experientes e ângulos de câmera que destacavam a visão do enfermeiro, a fim de envolver as pessoas participantes na perspectiva dele ao assistir os cenários. As vinhetas passaram por um processo de validação quanto ao seu realismo, e os resultados confirmaram que as representações retrataram exemplos típicos de comportamentos agressivos de pacientes (Christensen et al., 2024).

Outro estudo utilizou vinhetas com situações de assédio sexual que ocorreram em locais de trabalho fictícios. Nelas eram reproduzidos comentários que uma pessoa candidata a um emprego poderia ouvir sobre

um potencial empregador (Folke & Rickne, 2022). Pesquisadores utilizaram como base dados já coletados para selecionar o comportamento mais comum entre três tipos de assédio mais frequentes. Além disso, para tornar os cenários mais realistas, as pessoas pesquisadoras combinaram o gênero da vítima com o tipo típico de caso de assédio no contexto de trabalho dos respondentes da pesquisa. Somado a isso, evitaram o termo "assédio sexual", para que isso fosse interpretado pelas pessoas participantes. O estudo também utilizou vários tipos de assédio sexual, com o argumento de que mostrar diversos comportamentos evita distorcer os resultados ao apresentar apenas um tipo de assédio (Folke & Rickne, 2022).

Ao analisar os estudos supracitados, identifica-se que pesquisadores/as buscaram uma equivalência geral das vinhetas, em que a estrutura e a variação do texto são distribuídas de maneira semelhante em todas elas, exceto pela manipulação de variáveis experimentais. Ao criarem os cenários fictícios, pesquisadores/as conseguem manipular e controlar variáveis independentes (Aguinis & Bradley, 2014; Yáñez Gallardo et al., 2012), como a percepção de assédio sexual e o gênero dos personagens. Além disso, ressalta-se o cuidado em produzir cenários que sejam realistas, em que o processo de construção se baseia em pesquisas prévias sobre o fenômeno a ser representado. Outro ponto fundamental de um dos estudos foi disponibilizar as vinhetas na íntegra (Folke & Rickne, 2022); com isso, leitores/as podem entender como os estímulos foram expostos, o que pode garantir maior transparência no estudo.

Recomendações para o uso de vinhetas

Vinhetas bem desenvolvidas oferecem o potencial de capturar a resposta de vítimas, testemunhas e até mesmo perpetradores em relação a uma situação de violência (Bradbury-Jones et al., 2012), bem como possuem validade interna e externa como instrumento de pesquisa (Aguinis & Bradley, 2014; Evans et al., 2015), considerando-se as recomendações científicas para isso, as quais serão exploradas nesta seção.

Pressupostos: adequação e sustentação teórica do fenômeno

O primeiro ponto é compreender se as vinhetas são apropriadas para a pesquisa, levando em conta os objetivos, o contexto do estudo e as características do público-alvo (Aguinis & Bradley, 2014; Hughes & Huby, 2004). Esse instrumento pode ser útil quando: a) a pergunta de pesquisa envolve a compreensão de associações causais (Aguinis & Bradley, 2014); b) a investigação de fenômenos que são inacessíveis ou não observáveis por razões éticas ou logísticas (Evans et al., 2015); e c) objetiva-se capturar percepções, julgamentos e escolhas quanto a uma situação. No entanto, é necessária a busca na literatura para a compreensão teórica do fenômeno, bem como para o embasamento da construção do cenário (Aguinis & Bradley, 2014; Evans et al., 2015).

No estudo de Longo e DeDonno (2018), as pessoas autoras buscaram garantir que as vinhetas representassem com precisão episódios de assédio moral, utilizando como base as quatro categorias de comportamentos identificadas nessa violência: emocional,

verbal, física e desafiadora, com cada uma representando uma categoria. Para criar uma história e envolver a pessoa leitora, um personagem foi criado como o perpetrador dos comportamentos representativos de assédio moral. Em pesquisas sobre o assédio sexual, por sua vez, é comum encontrar vinhetas que se baseiam no modelo de Fitzgerald et al. (1995), denominado "Tripartite Model of Sexual Harassment" que reconhece três categorias de assédio sexual: coerção sexual, atenção sexual indesejada e assédio de gênero. Nessas pesquisas, os comportamentos descritos baseiam-se nesse modelo, diferenciando cada dimensão do assédio sexual (Goodman-Delahunty et al., 2016). Além disso, destaca-se que, além de descobertas de pesquisas anteriores, vinhetas podem ser construídas a partir de entrevistas-piloto, perspectivas da vida real e revisões de literatura (Wei &Yeik, 2022).

Características do cenário: realismo, ambiguidade e detalhamento

Além de fundamentar os cenários em uma base teórica sólida, é importante que as situações apresentadas sejam percebidas como realistas. Quando parecem excessivamente hipotéticas, as respostas podem se distanciar de como as pessoas participantes agiriam em situações reais (Aguinis & Bradley, 2014; Hughes & Huby, 2004; Wei & Yeik, 2022). Essa limitação está relacionada a uma das principais críticas ao uso de vinhetas: a dificuldade de generalizar os resultados para além do contexto da pesquisa. Embora as respostas indiquem como as pessoas poderiam reagir aos cenários apresentados, não garantem que elas agiriam da mesma maneira na vida real (Aguinis & Bradley, 2014).

Assim, o nível de ambiguidade dos cenários é um ponto chave para a confiabilidade dos dados nesse tipo de instrumento. Vinhetas são produtivas na medida em que deixam espaço para que as pessoas participantes definam a situação em seus próprios termos, facilitando o engajamento e o pensamento delas (Evans et al., 2015; Finch, 1987). As interações criadas não devem fornecer respostas óbvias sobre a aceitabilidade social dos comportamentos apresentados. Nesse sentido, se uma vinheta descreve um cenário em que um colega de trabalho faz um comentário altamente exagerado sobre a aparência física de outro colega, as pessoas participantes podem rapidamente identificar o comportamento como socialmente inaceitável e responder de forma politicamente correta, sem refletir como agiriam em uma situação menos óbvia. Nesse contexto, uma pesquisa sobre assédio moral no trabalho retratou a violência como ascendente no local de trabalho (de um subordinado para um superior), que é menos comum do que outras formas de assédio moral (horizontal ou descendente; Dal Cason et al., 2020).

As pessoas participantes também devem ser expostas a cenários com informações suficientes para entender o contexto (por exemplo: uma descrição inicial geral sobre o cenário e os personagens). As informações contextuais devem permitir a compreensão da situação, mas devem ser vagas o suficiente para que elas façam comentários adicionais (Barter & Renold, 1999; Paddam et al., 2010). As informações das vinhetas são essenciais

para aumentar o seu realismo (Aguinis & Bradley, 2014; Pierce & Aguinis, 1997).

Considerando essas características, vinhetas em vídeo se destacam, uma vez que observar o comportamento real envolve as pessoas participantes, permitindo que se lembrem de informações importantes, além de aumentar a validade externa, já que os cenários se aproximam mais das experiências no mundo real (Aguinis & Bradley, 2014; Pierce & Aguinis, 1997). Além disso, quanto mais as pessoas respondentes puderem se aproximar de uma população mais generalizada, maior será a validade externa dos resultados (Aguinis & Bradley, 2014). Nesse contexto, a tecnologia de realidade virtual se tornou o mais recente tipo de mídia, usada para apresentar vinhetas às pessoas participantes. Com a realidade virtual, as pessoas participantes conseguem ver, ouvir, tocar, cheirar e vivenciar completamente informações que seriam impossíveis de implementar em um cenário escrito mais tradicional (Pierce & Aguinis, 1997).

Estrutura e aplicação

A perspectiva a partir da qual as pessoas participantes responderão às vinhetas deve ser adequadamente planejada e dependerá do tipo e dos objetivos da pesquisa. Dentre as principais maneiras dos/as participantes responderem, destacam-se: 1) o ponto de vista dos personagens da vinheta; 2) o das pessoas em geral; ou 3) o do próprio participante (Bradbury-Jones et al., 2012). Sugere-se que, quando tópicos sensíveis estão sendo investigados, as narrativas sejam descontextualizadas para fornecer distância da realidade, tornando-as menos ameaçadoras (Skilling & Stylianides, 2019). Assim, deve-se evitar colocar o participante "na vinheta", colocando-o assim, como personagem em primeira ou terceira pessoa (Evans et al., 2015).

Além disso, há diferentes desenhos para as vinhetas. Um dos desenhos é aquele em que todas as pessoas participantes visualizam o mesmo conjunto de cenários, e as comparações são feitas entre eles respondidas por cada pessoa. Esse tipo de desenho ajuda a revelar os processos de julgamento de um único indivíduo. Há também os desenhos mistos, em que diferentes grupos de participantes recebem diferentes conjuntos de vinhetas; no entanto, dentro de cada grupo, são expostos aos mesmos cenários. Nesse formato, a comparação é feita entre os grupos (Atzmüller & Steiner, 2010).

As vinhetas devem ser elaboradas levando em conta o grau de familiaridade das pessoas participantes com a situação descrita (ambientes/linguagem específica de um determinado grupo ou profissão) e com o nível de escolaridade do público-alvo, para que tenham capacidade de responder adequadamente (Skilling & Stylianides, 2019). Nesse sentido, em um estudo, as pessoas pesquisadoras buscaram construir os cenários de forma a refletir a diversidade da população do Reino Unido e os diferentes ambientes sociais, desde a escolha de personagens (por exemplo: nomes e gênero) e expressões (Paddam et al., 2010). Utilizar linguagem e nomes que as pessoas participantes considerem típicos é importante para a relevância cultural dos cenários. Além disso, o tipo e formato de perguntas devem considerar o propósito da vinheta. Perguntas abertas permitem reações mais detalhadas e realistas, ao passo que perguntas fechadas

implicam em opções de respostas que limitam a expressão da pessoa participante (Skilling & Stylianides, 2019). As vinhetas também devem seguir uma estrutura e estilo similar, bem como ser escritas no tempo presente (Evans et al., 2015).

A quantidade e extensão das vinhetas são outros pontos a serem planejados. Poucos cenários podem não ser suficientes para capturar as percepções e os julgamentos em sua completude ou podem limitar a capacidade das pessoas pesquisadoras de manipular variáveis desejadas. Por sua vez, em grande quantidade ou demasiadamente extensas podem causar sobrecarga de informações e fadiga nos/as participantes (Aguinis & Bradley, 2014; Matza et al., 2021). Não há um número predefinido de vinhetas, pois isso dependerá dos objetivos do estudo e do número de variáveis que se deseja manipular. Na literatura de assédio moral e sexual, é comum encontrar estudos que utilizam de três até oito vinhetas (Cesario, 2020; Desrumaux et al., 2018; Golden et al., 2001). Pesquisas recomendam curta extensão, de 50 a 500 palavras (Evans et al., 2015; Riley et al., 2021) e vídeos de até quatro minutos. Além disso, devem ser fornecidas instruções claras sobre como responder (Skilling & Stylianides, 2019).

A escolha do ambiente e do momento para a administração da pesquisa, assim como o bem-estar dos/as participantes, deve ser considerada no planejamento de estudos com vinhetas. Quando o fenômeno investigado estiver relacionado ao trabalho, considerar sua aplicação nesse contexto e em um único momento, para reduzir influências do ambiente nos intervalos de aplicação. Além desses aspectos, cabe prever cuidados diante de possíveis desconfortos associados à leitura de cenários sobre temas sensíveis. Uma possibilidade é disponibilizar, ao final, um material que destaque o caráter fictício das situações e sua ausência de associação intencional com experiências pessoais dos/as participantes (Aguinis & Bradley, 2014).

Validação e limitações

A aferição de validade das vinhetas construídas confirmará o quanto o instrumento é confiável em mensurar o que se propõe, o que influenciará na qualidade dos resultados dos estudos. Para que uma vinheta tenha validade, é preciso que represente de forma precisa o fenômeno em questão. Nesse sentido, a validade de conteúdo pode ser estabelecida por meio da avaliação de especialistas na temática (por exemplo, especialistas em assédio moral; Longo & DeDonno, 2018). Os especialistas devem avaliar a relevância, o realismo da situação e a gravidade da violência, fornecendo feedbacks que possam aprimorá-las. Esse processo pode ser realizado por meio de escala Likert (1 = nada relevante; 5 = muito relevante; 1 = nada real; 5 = muito real). Testes estatísticos também podem auxiliar a determinar o nível de validade das vinhetas. Os desenhos podem tornar as análises de dados eficientes em vários métodos estatísticos, incluindo regressão, ANOVA e modelagem multinível (Atzmüller & Steiner, 2010). As vinhetas também devem ser testadas antes de utilizadas por meio de um estudo-piloto, a fim de identificar e corrigir possíveis falhas e garantir que as situações sejam bem compreendidas pelas pessoas participantes (Matza et al., 2021; Skilling & Stylianides, 2019). Apesar de ser uma etapa fundamental, uma revisão de literatura acerca

do uso de vinhetas em pesquisas na área da saúde mostrou que apenas 14 dos 65 estudos as testaram com a população (Riley et al., 2021).

Além disso, para garantir qualidade e robustez às vinhetas, deve-se realizar uma descrição clara e detalhada de como estas foram criadas e aplicadas, e, quando possível, disponibilizá-las. Uma revisão de literatura mostrou que vários estudos não explicaram de forma clara como as vinhetas foram utilizadas, e que 27.7% não incluiu uma amostra ou descrição em qualquer extensão, e, em muitos casos, as descrições não foram robustas o suficiente para que pudessem ser avaliadas (Riley et al., 2021).

É importante ressaltar as limitações do uso das vinhetas como instrumento de pesquisa. A primeira é o tempo necessário para treinar as pessoas pesquisadoras para construir e administrá-las corretamente (Riley et al., 2021). Instrumentos baseados em vinhetas não são padronizados, e os procedimentos para desenvolver e avaliá-las variam entre os estudos (Matza et al., 2021). A segunda é a dificuldade que as pessoas participantes podem enfrentar ao identificar as atitudes, crenças e ações de uma pessoa que é fictícia (Riley et al., 2021). Nesse contexto, ressalta-se que o que as pessoas acreditam que fariam em uma determinada situação não é necessariamente como se comportariam na realidade. Apesar de não ser possível afirmar a relação entre vinhetas e respostas na realidade, pode-se traçar paralelos entre as duas (Hughes, 1998) e investigar crenças e compreensões por meio de vinhetas pode não ter como objetivo estabelecer previsões precisas de comportamento, mas ainda é benéfico para fornecer uma visão sobre processos perceptuais das pessoas (Hughes, 1998; Jenkins et al., 2010) e comportamentos que se aproximam da vida real (Evans et al., 2015).

Conclusões

Esta pesquisa evidenciou o uso de vinhetas como instrumento de coleta em pesquisas que investigam violências no contexto do trabalho e sistematizou recomendações sobre a sua construção e utilização em temas sensíveis. Vinhetas são cenários fictícios construídos para elicitar interpretações de comportamentos que não são facilmente observáveis no ambiente de trabalho. Uma das principais vantagens desse instrumento é a possibilidade de distanciamento entre a pessoa participante e o fenômeno, auxiliando na coleta de dados com temas sensíveis, uma vez que minimiza o potencial de dano decorrente da pesquisa.

Para a implementação dessa ferramenta, é importante avaliar se esta é apropriada para a pesquisa, avaliando os objetivos, o contexto e o público-alvo. Os cenários devem ser realistas, a fim de evitar respostas óbvias e garantir que sejam mais próximos de um contexto real. Além disso, a aplicação das vinhetas deve considerar em que perspectiva a pessoa participante responderá. Em se tratando de temas sensíveis, recomenda-se evitar colocar a pessoa participante dentro do cenário, sendo preferível que ela responda a partir da perspectiva de pessoas em geral ou do personagem descrito. A construção de vinhetas também deve levar em conta o grau de familiaridade com o tópico e com o nível de escolaridade do público-alvo.

O uso de vinhetas permite alcançar informações que seriam difíceis no contexto real, não se limita por fronteiras geográficas e consegue se adaptar a culturas diferentes, uma vez que permite que as pessoas pesquisadoras aproveitem as peculiaridades das diferentes culturas. Entretanto, para que sejam válidas, é necessário seguir recomendações de boas práticas e recorrer a estudos específicos sobre o fenômeno que se pretende reproduzir. Além disso, vinhetas devem passar por processos de validação interna e/ou externa, o que garante a representação fidedigna do fenômeno e respostas próximas da realidade.

Embora a revisão narrativa seja apropriada para integrar e discutir conhecimentos sobre um determinado tema, este estudo apresenta limitações inerentes a esse delineamento. Ainda que a estratégia de busca e os critérios de seleção tenham sido descritos, a identificação e organização das recomendações foram realizadas por uma pesquisadora, sem avaliação independente, o que pode ter influenciado a sistematização apresentada. Assumem-se, portanto, os achados como um mapeamento orientador, e não como síntese completa da literatura. Esta revisão constitui etapa preliminar de uma agenda de pesquisa mais ampla que prevê estudos subsequentes com desenho sistematizado, protocolo definido *a priori* e ampliação das bases consultadas, critérios de elegibilidade e seleção conduzida de forma independente, com relato orientado pelas recomendações PRISMA. Considera-se igualmente fundamental a realização de pesquisas empíricas que construam e validem vinhetas para o estudo das violências no trabalho, em especial o assédio moral e o assédio sexual, contribuindo para o aprimoramento desse instrumento na América Latina.

Financiamento

Este estudo recebeu apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Brasil, por meio de bolsa de mestrado do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Particulares, código de financiamento 88887.827234/2023-00.

Conflitos de interesses

As autoras declaram não haver conflitos de interesse na condução, interpretação ou publicação deste estudo.

Disponibilidade de dados, métodos e materiais

Os materiais utilizados nesta revisão correspondem aos estudos científicos identificados por meio da estratégia de busca descrita na seção “Método”. As referências bibliográficas apresentadas no manuscrito permitem a identificação das fontes utilizadas para a elaboração da síntese.

Contribuição das autorias (taxonomia CRediT)

A Autora 1 contribuiu com conceituação, curadoria de dados, análise formal, investigação, metodologia, administração do projeto, visualização, redação do rascunho original e redação, revisão e edição. A Autora 2 contribuiu com conceituação, curadoria de dados, análise formal, investigação, visualização e redação, revisão e edição. A

Autora 3 contribuiu com conceituação, captação de recursos, investigação, metodologia, administração do projeto, recursos, software, supervisão, validação, visualização e redação, revisão e edição.

Declaração sobre o uso de inteligência artificial generativa

Ferramentas de inteligência artificial generativa foram utilizadas exclusivamente como apoio à redação científica, incluindo correção gramatical e ortográfica, tradução e revisão linguística. Todas as sugestões foram revisadas criticamente pelas autoras, que permaneceram integralmente responsáveis pelo conteúdo, pela interpretação dos resultados e pela versão final do manuscrito.

Agradecimentos

As autoras agradecem à Atitus Educação pelo apoio institucional prestado durante o desenvolvimento desta pesquisa.

Referências

Alexander, C. S., & Becker, H. J. (1978). The use of vignettes in survey research. *Public Opinion Quarterly, 42*(1), 93–104. https://doi.org/10.1086/268432

Aguinis, H., & Bradley, K. J. (2014). Best practice recommendations for designing and implementing experimental vignette methodology studies. *Organizational Research Methods, 17*(4), 351-371. https://doi.org/10.1177/1094428114547952

Atzmüller, C., & Steiner, P. M. (2010). Experimental vignette studies in survey research. *Methodology, 6*(3), 128-138. https://doi.org/10.1027/1614-2241/a000014

Baethge, C., Goldbeck-Wood, S., & Mertens, S. (2019). SANRA— A scale for the quality assessment of narrative review articles. *Research Integrity and Peer Review, 4*, 5. https://doi.org/10.1186/s41073-019-0064-8

Barter, CA., & Renold, E. (1999). The use of vignettes in qualitative research. *Social Research Update*, *25*. http://sru.soc.surrey.ac.uk/SRU25.html

Bradbury-Jones, C., Taylor, J., & Herber, O. R. (2012). Vignette development and administration: A framework for protecting research participants. *International Journal of Social Research Methodology: Theory & Practice, 17*(4), 427-440. https://doi.org/10.1080/13645579.2012.750833

Cesario, B. (2020). Attitudes about victims of workplace sexual harassment based on sex. *Current Research in Behavioral Sciences, 1*, 100006. https://doi.org/10.1016/j.crbeha.2020.100006

Christensen, S. S., Wilson, B. L., Cummins, M. R., Eaton, J., Iacob, E., & Hansen, S. D. (2024). Exploring nurses' emotional reactions to and reporting of patient-on-nurse workplace violence: A mixed-methods study. *International Journal of Nursing Studies, 153*, 104724. https://doi.org/10.1016/j.ijnurstu.2024.104724

Creswell, J. W. (2014). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches* (4ª ed.). Sage Publications.

Dal Cason, D., Casini, A., & Hellemans, C. (2020). Moral courage fostering bystander intervention against workplace bullying: Findings from an exploratory study with a video-vignette procedure. *International Journal of Bullying Prevention,2*, 53-64. https://doi.org/10.1007/s42380-020-00062-7

Desrumaux, P., Jeoffrion, C., Bouterfas, N., De Bosscher, S., & Boudenghan, M. C. (2018). Workplace bullying: How do bystanders' emotions and the type of bullying influence their willingness to help? *Nordic Psychology*, *70*(4), 259-277. https://doi.org/10.1080/19012276.2018.1430610

Dickson-Swift, V., James, E., &Liamputtong, P. (2008). *Undertaking sensitive research in the health and social sciences: Managing boundaries, emotions and risks*. Cambridge University Press.

Dixon, C., Murray, C., & Daiches, A. (2013). A qualitative exploration into young children's perspectives and understandings of emotional difficulties in other children. *Clinical Child Psychology and Psychiatry, 18*(1), 72-90. https://doi.org/10.1177/1359104511433194

Einarsen, S., & Nielsen, M. B. (2019). Workplace bullying and harassment: A review of the research and its practical implications. *European Journal of Work and Organizational Psychology, 28*(3), 301-318. https://doi.org/10.1080/1359432X.2019.1596714

Evans, S. C., Roberts, M. C., Keeley, J. W., Blossom, J. B., Amaro, C. M., Garcia, A. M., Stough, C. O., Canter, K. S., Robles, R., & Reed, G. M. (2015). Vignette methodologies for studying clinicians' decision-making: Validity, utility, and application in ICD-11 field studies. *International Journal of Clinical and Health Psychology, 15*, 160-170. https://doi.org/10.1016/j.ijchp.2014.12.001

Finch, J. (1987). The vignette technique in survey research. *Sociology*, *21*(1), 105-114. https://doi.org/10.1177/003803858702100100 8

Fitzgerald, L. F., Gelfand, M. J., & Drasgow, F. (1995). Measuring sexual harassment: Theoretical and psychometric advances. *Basic and Applied Social Psychology, 17*(4), 425-445. https://doi.org/10.1207/s15324834basp1704_2

Folke, O., & Rickne, J. (2022). Sexual harassment and gender inequality in the labor market. *The Quarterly Journal of Economics*, *137*(4), 2163-2212. https://doi.org/10.1093/qje/qjac018

Golden, J. H., Johnson, C. A., & Lopez, R. A. (2001). Sexual harassment in the workplace: Exploring the effects of attractiveness on perception of harassment. *Sex Roles*, *45*, 767-784. https://doi.org/10.1023/A:1015688303023

Goodman-Delahunty, J., Schuller, R., & Martschuk, N. (2016). Workplace sexual harassment in policing: Perceived psychological injuries by source and severity. *Psychological Injury and Law, 9*(3), 241-252. https://doi.org/10.1007/s12207-016-9265-3

Hehman, J. A., Salmon, C. A., Pulford, A., Ramirez, E., & Jonason, P. K. (2022). Who perceives sexual harassment? Sex differences and the impact of mate value, sex of perpetrator, and sex of target. *Personality and Individual Differences, 185*, 111288. https://doi.org/10.1016/j.paid.2021.111288

Hughes, R. (1998). Considering the vignette technique and its application to a study of drug injecting and HIV risk and safer behaviour. *Sociology of Health & Illness, 20*(3), 381-400. https://doi.org/10.1111/1467-9566.00107

Hughes, R., & Huby, M. (2002). The application of vignettes in social and nursing research. *Journal of Advanced Nursing, 37*(4), 382-386. https://doi.org/10.1046/j.1365-2648.2002.02100.x

Hughes, R., & Huby, M. (2004). The construction and interpretation of vignettes in social research. *Social Work and Social Sciences Review, 11*(1), 36-51. https://doi.org/10.1921/swssr.v11i1.428

Jenkins, N., Bloor, M., Fischer, J., Berney, L., & Neale, J. (2010). Putting it in context: The use of vignettes in qualitative interviewing. *Qualitative Research, 10*(2), 175-198. https://doi.org/10.1177/1468794109356737

Longo, J., & DeDonno, M. A. (2018). Development of vignettes to explore workplace bullying. *Issues in Mental Health Nursing, 39*(7), 608-612. https://doi.org/10.1080/01612840.2018.1434706

Matza, L. S., Stewart, K. D., Lloyd, A. J., Rowen, D., & Brazier, J. E. (2021). Vignette-based utilities: Usefulness, limitations, and methodological recommendations. *Value in Health, 24*(6), 812-821. https://doi.org/10.1016/j.jval.2020.12.017

Minayo, M. C. de S., Gomes, R., & Deslandes, S. F. (2016). *A pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. Vozes.

Naylor, R., Maye, D., Ilbery, B., Enticott, G., & Kirwan, J. (2014). Researching controversial and sensitive issues: Using visual vignettes to explore farmers' attitudes towards the control of bovine tuberculosis in England. *Area, 46*(3), 285-293. https://doi.org/10.1111/area.12113

Organização Internacional do Trabalho. (2020). *Ambientes de trabalho seguros e saudáveis livres de violência e de assédio*. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---europe/---ro-geneva/---ilo-lisbon/documents/publication/wcms_783092.pdf

Paddam, A., Barnes, D., & Langdon, D. (2010). Constructing vignettes to investigate anger in multiple sclerosis. *Nurse Researcher, 17*(2), 60-73. https://doi.org/10.7748/nr2010.01.17.2.60.c7463

Pierce, C. A., & Aguinis, H. (1997). Using virtual reality technology in organizational behavior research. *Journal of Organizational Behavior, 18*(5), 407-410. https://doi.org/10.1002/(sici)1099-1379(199709)18:5<407::aid-job869>3.0.co;2-p

Renzetti, C. M., & Lee, R. M. (1993). *Researching sensitive topics*. Sage Publications.

Riley, A. H., Critchlow, E., Birkenstock, L., Itzoe, M., Senter, K., Holmes, N. M., & Buffer, S. W. (2021). Vignettes as research tools in global health communication: A systematic review of the literature from 2000 to 2020. *Journal of Communication in Healthcare, 14*(4), 283-292. https://doi.org/10.1080/17538068.2021.1945766

Silverio, S. A., Sheen, K. S., Bramante, A., Knighting, K., Koops, T. U., Montgomery, E., November, L., Soulsby, L. K., Stevenson, J. H., Watkins, M., Easter, A., & Sandall, J. (2022). Sensitive, challenging, and difficult topics: Experiences and practical considerations for qualitative researchers. *International Journal of Qualitative Methods, 21*. https://doi.org/10.1177/16094069221124739

Skilling, K., & Stylianides, G. J. (2019). Using vignettes in educational research: A framework for vignette construction. *International Journal of Research & Method in Education*, *43*(5), 541-556. https://doi.org/10.1080/1743727x.2019.1704243

Wei, C., & Yeik, K. (2022). Knowing the unknown: Application of qualitative-vignette method in the social-political sensitive business environment. *International Journal of Qualitative Methods, 21*. https://doi.org/10.1177/16094069221074495

Yáñez Gallardo, R., Ahumada Alvarado, H., & Rivas Aguayo, E. (2012). La técnica de viñeta y su aplicación en investigaciones en enfermería. *Ciencia y Enfermería, 18*(3), 9-15. https://doi.org/10.4067/s0717-95532012000300002

DIVERSITAS
ISSN impreso: 1794-9998 - ISSN online: 2256-3067

Vol.22 Núm.1 (2026) | enero-junio
ISSN: 1794-9998 | e-ISSN: 2256-3067

Cómo citar este artículo

Bernardesm M., Rodrigues Lopes, B.L., Gonçalves, J. (2026). Investigação de violências no trabalho: recomendações para a construção de vinhetas como instrumento de pesquisa. *Diversitas*, 22(1), 178-195

https://doi.org/10.15332/22563067.10487